

José d'Encarnação

Sanfoninas



Ficha técnica

TÍTULO: *Sanfoninas*

AUTOR: © José d'Encarnação

EDIÇÃO: Apenas Livros

CAPA: José Luís Madeira

ISBN: 978-989-618-650-0 (POD)

2021

Prefácio em três desafinadas notas

1 - “Escrito na pedra” ou as muitas “histórias de proveito e exemplo”

José d’ Encarnação subiu à Beira Alta, onde dizem que pulsa o coração de Portugal; veio a convite e depois ficou como em terra sua e aqui se demorou - rezam as crónicas que escreveu entre 01/01/2011 e 18/12/2018 - oito demorados anos, não em presença física, a não ser em particular ocasião, mas recolhido nesse mágico rectângulo de aconchego onde o *Renascimento*, o jornal regional que em Mangualde se publica desde 1927, acolheu, de quinze em quinze dias, os seus textos, *Sanfoninas*, “cantilenas desentoadas” como lhe chamou, mas que antes se constituem como poderosas estrofes onde entoa a vida toda, ao jeito de canções de amigo ou de trovas onde assoma o jeito do ajustado maldizer que ao poeta se consente.

“Escrito na pedra”!... José d’ Encarnação é emérito epigrafista (ele é tanta coisa!...), habituado a ler sobre a pedra das epígrafes que os piedosos romanos consagravam aos Deuses Manes, veneradores da memória de um ente querido, que celebravam a glória do Imperador nos miliários das singulares vias que cruzavam o Império ou consagravam a uma deusa, com lirismo, a serventia de uma fonte, deixa agora, no papel do jornal feito metáfora do fino granito beirão e na vasta derivação das redes sociais que ecoam ao longe e ao largo, notícias de exemplares memórias, retratos de gente colhidos no perpassar dos dias, retratos fugazes, mas intensos, fragmentos de vidas que nos tocam, tudo ao jeito de histórias de proveito e exemplo cuja grandeza quase sempre se revela nos miúdos sinais que o atento cronista soube colher.

E que depois tudo nos deixou, para que nem o tempo o apagasse, “escrito na pedra”.

2 - *Ridendo castigat mores* ou o discurso sobre a cidadania

A locução latina acima inscrita, que livremente pode ser traduzida pela popular e usual fórmula da língua portuguesa - *a brincar, a brincar se dizem as verdades* - traduz-se em muitos dos textos de José d’ Encarnação por uma fina ironia, essa capciosa forma de dizer que nem tudo vai bem na Terra dos homens, nesta pátria pequena onde nosso quotidiano perpassa, nessa pátria maior onde os eleitos do povo se esquecem de abrir os caminhos da Terra de cuja entrega fizeram Promessa. E as crónicas lembram as aldeias esvaziadas de gente, uma saudável ruralidade perdida e, pasme-se deveras, por ver despejado de naturais o coração da cidade-capital em

cujos bancos ora se sentam figurantes “para inglês ver”, para de inglês preencher nosso quotidiano que até deixou de ter Gramática inteligível e ganhou uma Ortografia de espantar.

E lá andam enfermeiros reclamando regresso, emigrantes a que não se abrem largas portas de retorno, por mais que se alarguem os cartazes nas pinturescas campanhas de eleição para governar. Ah!... E os salários a resgatar e os direitos obliterados e as leis mal cumpridas. Septuagenários que se salvam a si próprios jogando sortes em Recantos de ternura feitos bancos de Jardim.

Mas José d’Encarnação sabe ver também a outra face da moeda e lembra, nas suas crónicas, os esforços de autarquias empenhadas que vão construindo pequenos jardins de paraíso, e evoca o Programa Erasmus como uma Ode à Alegria, e saúda o sereno trabalho que sentiu realizado em Hospitais. Arco-íris em madrugada!...

3 – O Professor ou o escriba olhando-se ao espelho

O que conta na vida de um docente são as sementes que lançou. Isto declara o autor na *Crónica* datada de 01/02/2016 e deste modo enuncia, ao jeito de paráfrase, o fim último e primeiro da actividade pedagógica, essa que mais o singulariza e que percorre quase todos os estádios da sua vida, antes ainda da entrada na idade maior.

Máximas prosseguidas de Jean Piaget subjazendo a estruturante doutrina salesiana por cujas águas navegou, a marcar a exemplaridade que devotamente guarda da lição de Mestres que evoca e bendiz, o companheirismo estimulante desses outros a cujo lado caminhou, tudo isso ancorado por uma longa, riquíssima, aturada e gostosa experiência vivenciada na cátedra da sua Universidade, em Coimbra e em espaços de magistério noutras Universidades granjearam-lhe a perene admiração, respeito e amizade de um infinito curso de alunos, esses que tiveram o privilégio de acolher as sementes de que se falou.

As crónicas de que este livro é feito – *Sanfoninas* – expressam um tipo novo de pedagogia, não menos fecundo, todavia. Constituem-se como privilegiado campo de uma saborosa e suave pedagogia informal, lição transfigurada ao jeito das bíblicas parábolas – *Saiu o semeador para semear a sua semente* (Lc, 8, 8) – instrumento que só os grandes mestres são capazes de utilizar com eficácia e que José d’ Encarnação sempre manteve lateral com uma fecundidade inaudita. *Pão partido em pequeninos*, também se poderia chamar, ao jeito de Manuel Bernardes, a este conjunto de crónicas

que recolhem inspiração do quotidiano mais comezinho com o qual insistentemente dialogam, da História ou das histórias que evocam, que derivam da circunstancial leitura, do atento olhar sobre a paisagem, do gesto irreflectido de alguém... Tanta coisa!...

E eu lembro os sapatinhos de criança abandonados ao toro de uma árvore de um Parque, onde seriam deixados para que alguém pudesse colhê-los; os decifrados rabiscos que um escravo risca no barro fresco de um *imbrex* acabado de cozer num forno de telha do oleiro *Castor*, em Alter-do-Chão; o ósculo com letras inscrito a punção na esbelta taça de *sigillata* que o amante oferece à amada; a desajustada conversa ao telemóvel na carruagem do comboio, o mecânico gesto do rapaz de cor que ganha a vida distribuindo folhetos numa entrada de estação; o abraço comovido e terno da amiga que importa tornar a ver; a voz ciciada ao ouvido do amigo inconsciente numa cama de hospital; o textinho didáctico que Jorge Paiva envia aos muitos amigos como mensagem de Natal e onde lhes recomenda que cuidem do planeta... E tantos mais, que permanecem como surpresa a descobrir ao longo de um vagaroso tempo de leitura.

Para terminar:

A “insustentável leveza” das tuas crónicas, o humaníssimo toque de mão que as desenha, o vigor de alma que as inspira, o virtuoso enfeite do apurado estilo que as torna únicas, a graça que tantas vezes as dulcifica, as notas poéticas que as caldeiam, pássaros voejando no jardim, alvorecer de manhã bendizendo o sol, os dias limpos da infância, lágrima ou palavra de adeus a um amigo que não torna, e esse salutar e constante apelo à salvaguarda da nossa memória colectiva, o Património múltiplo que nos singulariza e define, Homens e Terra - esta lição que vais inscrevendo em teus leitores fará de SANFONINAS um cativante livro de cabeceira.

O meu obrigado será o de quantos tiverem a sorte de nele colher os frutos da tua sementeira.

Alberto Correia